

5. Estudo de campo

5.1. Sujeitos e procedimentos

Para alcançar os objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa de campo qualitativa, entrevistando 9 mulheres que sofreram violência física de maridos/ companheiros. As entrevistas foram *on line*, já que há muita dificuldade em abordar a violência, podendo envolver tanto o medo das mulheres de serem reconhecidas, como a vergonha em assumir frente à entrevistadora os maus-tratos. Mesmo com esse cuidado, observou-se muita dificuldade por parte das participantes em expor suas histórias, muitas não compareceram na hora marcada, outras cancelaram, informando que não estavam preparadas para contar sobre o ocorrido, uma enviou por e-mail sua história, mas não aceitou ser entrevistada e outra não conseguiu terminar a entrevista, pois disse que estava muito cansada.

Os sujeitos foram buscados em comunidades virtuais onde mulheres se caracterizam como vítimas de agressão física contra a mulher. Inicialmente, foram deixadas mensagens² nas páginas das comunidades sobre o tema para que vítimas pudessem entrar em contato comigo, caso tivessem interesse em participar da pesquisa. Assim como foram deixadas mensagens nas páginas pessoais de algumas mulheres que haviam afirmado nas comunidades que eram vítimas de violência conjugal.

Após o retorno das participantes, marcou-se com cada uma um horário para entrevistá-las através de mensagens instantâneas (MSN). A pesquisa seguiu as normas éticas, e, foram esclarecidos os objetivos e os cuidados da mesma para as

² Olá,

Sou psicóloga, mestranda em Psicologia Clínica na PUC-Rio e estou fazendo uma pesquisa sobre violência conjugal contra mulheres. Preciso entrevistar algumas mulheres que sofreram violência física de seus companheiros / maridos.

A entrevista será feita *on line* (por MSN) em um horário acordado entre mim e a entrevistada. A pesquisa está de acordo com as normas éticas e preservarei o anonimato e os dados da pessoa na pesquisa, só utilizando o que for importante para compreender melhor o assunto.

Caso você tenha interesse em participar (ou possa indicar alguém), por favor, escreva para psi.helena@gmail.com

Obrigada,
Helena Pinheiro Jucá Vasconcelos
CRP 05/34161

participantes. Para isso, antes da entrevista, foi enviado um e-mail com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual se solicitou que respondessem com a aceitação ou não da participação. Nesse termo foi informado às participantes sobre as questões éticas da pesquisa como o anonimato de suas respostas e a liberdade para cancelar a participação, ou não responder as perguntas, em qualquer momento que quisessem. A pesquisadora se colocou à disposição para ouvir e encaminhar futuramente as entrevistadas que demonstrassem algum tipo de necessidade de atendimento psicológico. Apenas uma delas solicitou tal ajuda e foi encaminhada para SPA de uma universidade.

Foi utilizado o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) (Nicolaci-da-Costa, 2007, Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio, 2009), já que se objetivou ouvir detalhadamente a pessoa e analisar também os conflitos psicológicos subjacentes ao discurso. Com esse método, pode-se analisar até o que os participantes poderiam não saber conscientemente, possibilitando a escuta de questões transgeracionais. Anteriormente, foram feitas duas entrevistas-piloto que ajudaram na execução do roteiro oculto da entrevista que contemplou tais temas: definição de violência, história da vivência de violência, história geracional e rede social, familiar e comunitária. De acordo com essa metodologia, o roteiro serve para orientar, porém não se deve estar preso a ele. Os temas devem vir no decorrer da conversação. Para iniciar a entrevista pedia-se à mulher que contasse sobre a história da violência em sua vida, e, a partir disso, buscava-se compreender os temas do roteiro oculto.

Em todas as entrevistas houve a preocupação em ter uma livre escuta, para que pudesse captar o que era relevante para a investigação. Assim como houve a preocupação com que as entrevistas fossem as mais informais possíveis, seguindo o uso comum de programas de bate-papo, para que as participantes se sentissem à vontade e respondessem com maior naturalidade. Todas as entrevistas foram gravadas em formato Word para posterior análise.

Após as entrevistas, foi analisada qualitativamente a escrita das participantes, buscando interpretar os dados individuais e os dados do grupo como um todo, comparando conceitos e temas abordados pelos participantes com a respectiva literatura sobre a questão. Foram feitas análises intra e inter-sujeitos como sugere o método MEDS.

O objetivo a partir da utilização desse método foi analisar e discutir os dados levantados, gerando uma reflexão sobre o tema apresentado, visando à posterior elaboração de estratégias para a terapia de família em situação de violência. Os modelos parentais são importantes e esses se relacionam com a saúde ou doença, tanto dos filhos como da sociedade em geral.

5.2. Análise e discussão dos resultados

Nessa pesquisa buscou-se, ao perguntar às mulheres a história da violência em suas vidas, que as próprias pudessem responder de acordo com aquilo que interpretam como tal. Assim, foi possível averiguar os aspectos mais importantes na perspectiva das entrevistadas. Cabe ressaltar que as participantes se dispuseram a responder mais detalhadamente as cenas de violência, em muitos momentos com falas aparentemente catárticas, o que pode ter favorecido uma ênfase à descrição das agressões. As entrevistadas tinham entre 22 e 53 anos. Todas, exceto uma, eram mães. Apenas uma era dona de casa, as demais tinham profissão ou emprego. Todas, exceto uma (USA), moravam no Brasil nos estados do Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Três mulheres ainda moravam com o agressor, as demais se separaram do cônjuge hostil entre 15 dias e 7 anos antes do momento da entrevista. Segundo as participantes, elas permaneceram de 1 a 20 anos no relacionamento agressivo. A grande maioria delas relatou que seus filhos testemunharam a violência conjugal. Não foi verificada a classe social das entrevistadas.

É importante ressaltar que na medida em que as conferências foram feitas em programas de mensagens instantâneas da internet, os textos das mesmas foram mantidos da maneira que foram enviados pelas participantes, portanto, sem nenhuma correção dos eventuais erros gramaticais. Além disso, para melhor compreensão do leitor em alguns momentos acrescentou-se informações entre colchetes baseadas no contexto da afirmação.

A partir do discurso das entrevistadas, emergiram três categorias de análise: tipos de violência, concepção de violência e repetição da violência.

Tipos de violência sofridos pelas entrevistadas

A apreciação dos relatos das entrevistadas sobre violência demonstrou que coexistem muitos tipos de agressões físicas sofridas por elas, o que corrobora com os achados em estudos mundiais (Krug, 2002). Nessa pesquisa, a maioria das entrevistadas (6) relatou sofrer diversas vezes com as ações de bater (Ferreira, 1999) dos parceiros.

“Até chegar ao ponto de bater em mim de fato, várias vezes”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“com menos d 15 dias ele me bateu e me cospuiu na cara.... / pq eu peguei o celular dele. (...) / com 6 meses d gestação em uma discução / ele acabou me empurrando..... / comecei a chorar , mas desculpei ele.....(...) me bateu e me cospuiu e me chamou de palavrão”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“olha no namoro ele começou a me empurrar / as vezes ate me batia e eu escondia / depois do casameno piorou as vses bebe e fica meio / agressivo da ultima vez me bateu muito sem motivos / e minha filha e mãe se desesperaram mas não o denunciei / por medo de prjudicar no serviço (...) sim;ele chegou , do jogo e eu disse que era tarde.ele se incomodou e começou a gritar e como tinha bebido perdeu a cabeça e me bateu muito” (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“eu tentava me defender e a camisa dele rasgou. Ele queria que eu engolisse os pedaços de camisa! / Bateu mais para que eu engolisse.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Empurrar (Ferreira, 1999) também foi um tipo de violência que seis participantes da pesquisa relataram ter sofrido. No entanto, foi curioso que uma entrevistada ressaltou que ao sofrer essa modalidade de agressão não houve sofrimento físico, sugerindo que a dor seria psicológica ou moral, como se pode observar no relato da mesma abaixo. Uma participante expôs que também empurrou o parceiro.

“com 6 meses d gestação em uma discução / ele acabou me empurrando..... / (...) [empurrou e você se machucou?] ã / fisicamente ã”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“ai ele me empurrou quase nos cacos de vidros / ai empurrei ele / ai nesse empura e empura foram unhas e ai vai / fiquei toda roxa pq ele me empurrou na cama e bati a perna e o bra-

ço” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

Outro tipo de violência citado por três participantes foi esmurrar (Ferreira, 1999). Essa modalidade de agressão foi descrita com muita ênfase, por meio do uso das palavras “muito”, “sensação desesperadora”, “rosto do lado direito todo inchado” e “na cabeça”. Isso pode sugerir o caráter danoso e insuportável de sofrer esse tipo de agressão.

“ele falou q eu tinha colocado outro dentro d casa qndo ele viajou e me esmurrou muito”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“Dos xingamentos, da sensação desesperadora de apanhar, levar socos, tapas, do medo que eu sentia.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“e ele me deu um soco no olho / coloquei ela no carrinho / fiquei com o rosto do lado direito todo inchado”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

[pesquisadora pergunta: ele agride como?] *“com socos na cabeça”* (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Duas mulheres relataram cenas em que os companheiros as chutaram. Chutar (Ferreira, 1999) é uma forma de violência que por sua especificidade parece deixar evidente a subjugação dessas mulheres em relação aos homens, uma vez que para serem chutadas é necessário, a princípio, estarem no chão.

“teve um dos dias q ele chegou de madrugada / ai fui reclamar / ele começou a me chutar muito”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“asSim que ele soube que eu estava grávida / me empurrou, chutou várias vezes e me trancou no quarto / levou a chave”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

Apesar de o conceito enforcar se referir ao ato de estrangular (Ferreira, 1999), foram utilizadas as expressões “tentar enforcar” e “tentativa superficial de esganadura” por duas agredidas, o que sugere que as mulheres diminuem o ato em si com o verbo “tentar” e o adjetivo “superficial”, talvez por conta do resultado não ter sido a asfixia total, ou seja, morte ou desmaio. Essa amenização parece

também desconsiderar a motivação do agressor, uma vez que se sabe que essa modalidade de agressão pode ser fatal.

“Um dia, ele chegou a tentar me enforçar.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“meu ex, agrediu-me com uma tentativa superficial de esganadura”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Cabeçada (Ferreira, 1999) foi exposta por duas entrevistadas. Entretanto, foram observados dois tipos de uso, ou através da cabeça do agressor ou por meio da manipulação da cabeça da vítima contra superfícies para agredi-la.

“me deu uma cabeçada no meu nariz” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“bateu com minha cabeça na parede”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

Algumas entrevistadas descreveram cenas muito impactantes. Uma relatou que foi obrigada a engolir objetos em duas ocasiões, como pedaços de uma camisa e o anel de casamento. Outra foi pisada sobre a bacia quando grávida, levando-a a ter problemas na gravidez. Uma seguinte contou que o namorado a trancou em seu quarto por ela não aceitar abortar o filho, com finalidade de deixá-la sem comida e água. Também foram descritas situações em que se torceu o braço da mulher ou que essa apanhou sem roupa. Assim como várias relataram terem sido sacudidas e levaram tapas.

“de gravidez ele me empurrou e eu cai de barriga no chão e ele prescionou os pés sobre entre minha bacia e bumbum e daí saiu um líquido (que se chama líquido amniótico que era do saco vitelino do bebê) (...)e daí eu tenho problemas agora pra engravidar”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

“Me xingou de vagabunda, puta e outras coisas lá mesmo, no portão da casa. / Entrou e começou a me agredir. / Me deu tapas no rosto, no ouvido, disse que ia me matar naquele dia. / ele rasgou minha roupa e bateu em mim nua. .” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

O que se pôde observar é a condensação de certos tipos de violência nas vítimas, como, por exemplo, Camila que sofreu com tapas, com a imposição de obrigá-la a engolir aliança ou uma camisa, por seu braço ter sido torcido, sofrido tentativas de enforcamento, apanhado, inclusive despida, além de ter sofrido psicologicamente com xingamentos, humilhações e ameaças de morte. Assim, houve concomitantemente diversos tipos de violência sofridos pela mesma mulher, tanto físicas quanto psicológicas, nos relatos de vida conjugal de vários sujeitos da pesquisa. Essa característica da violência doméstica de se expressar sobre a mesma vítima em uma grande proporção de casos, levou Saffiotti (1994) a acreditar ser importante compreender a sua rotinização.

No discurso das entrevistadas não apareceram relatos de estupros, tampouco de coerção sexual, tal como descrito na literatura (Kaplan, Sadock e Grebb, 1997). Apesar disso, alguns comentários foram tecidos a respeito do homem coagir a mulher a ter relações sexuais com ele, até mesmo por meio do suborno, o que poderia ser caracterizado como jogos sexuais (Ricotta, 1999).

“ele me humilha, ate me oferece dinheiro / para transar comigo. (...) / Eu estava dormindo...na sala, pq a um amo [ano] durmo aki./ eu acordei...e senti que estava molhada. / Ele se marturbou emcima de mim(...) / ele diz que ele não largou de mim. / e que eu tenho dever de transar com ele” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

A análise dos relatos das entrevistadas sobre os tipos de violências sofridos pelas vítimas de agressão conjugal ressaltou todos os tipos de violência psicológica descritos por Hirigoyen (2006): o controle, o isolamento, o ciúme patológico, o assédio, o aviltamento, as humilhações, os atos de intimidação, a indiferença às demandas afetivas e as ameaças.

“Essa brigas são geradas pelo ciume,que ele tem de todo mundo... (...) / Eu não podia ter amigas,ele me seguia pelas ruas...(.) é uma prisão... / onde vc não pode sair, conversar, ter amigos... nem ir a casa de parentes (...) eu passo a noite em claro / pq ele pega a faca... / e fica alisando ela / para me dar medo / e eu não durmo / E ele está muito volento..ameaça me matar se eu fizer. [separar] / Diz que eu não posso deixar de ama-lo.” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“e ele era muito ciumento/ tinha ciumes de tudo” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“A gente briga diariamente.. / ele me ofende.. / muito” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“queria muito me separar / mas se sinto totalmente dependente / e medo de ter mais um filho longe”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“dizia que ia me esfaquear "tingir a casa de sangue" ele dizia.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“me bateu e me cuspiu e me chamou de palavrão”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Foram observados mais dois tipos de violência psicológica que não foram citados por Hirigoyen (2006): a rejeição do filho e a negligência com o filho.

“olhou para meu filho e disse para ele um menino de 12 anos vc não é meu filho” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“ele dizia voce acha que flho me segura filho nao me segura não e dizia que eu nao valia nada que ele nao queria filho me chamou de desgraçada e me humilhava não comprou nada pro nosso filho tudo quem deu foi minha mae ainda bem que ela era professora e me ajudava comigo eo bebe”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

De todas as violências psicológicas apresentadas, os xingamentos e a humilhação foram os que mais apareceram. Um elemento relevante presente nas palavras das entrevistadas é que todas disseram ter sofrido por conta dos xingamentos do parceiro. A vivência das mulheres parece ser de desmerecimento e de sentimentos de baixa autoestima. Os xingamentos em sua maioria se referem à moral da mulher.

“Ele me xingava de nomes horríveis e eu me sentia muito ofendida.chorava muito”. (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“A gente briga diariamente.. / ele me ofende.. / muito” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“Me xingava de coisas horríveis, ofensivas.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“me bateu e me cuspiu e me chamou de palavrão” . (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

A humilhação foi outra violência psicológica apontada por mais da metade das entrevistadas, sendo que a carga afetiva nesses relatos foi muito intensa. Dentre os comportamentos dessa categoria, foram referidas desde condutas na frente de familiares e vizinhos, até ações no ambiente doméstico sem testemunhas.

“Pois bem, lá meio da praça mesmo, ele me puxou pelos cabelos...” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“em [me] humilhava / me depreciava em relação aos colegas / do tipo, o colega fez porque era comigo, como ele poderia ter outra atitude se eu tinha essas características: bobinha... radical... sem visão... sem estratégia....” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“olhou para meu filho e disse para ele um menino de 12 anos vc não é meu filho/ fala na frente deles que eu tenho amantes. (...)ele me humilha, ate me oferece dinheiro / para transar comigo”. (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“me bateu e me cuspiu e me chamou de palavrão” . (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

A grande maioria das mulheres relatou sentir vergonha por conta da violência, o que também foi colocado por Hirigoyen (2006); Corsi (2006); Miranda, de Paula e Bordin (2010) e Ricotta (1999) como sentimentos decorrentes da vitimização. As entrevistadas relataram sofrer principalmente em relação ao que os outros poderiam pensar, produzindo tentativas de deixar as situações em segredo. No entanto, o encobrimento da vítima de acordo com Corsi (2006) e Ricotta (1999) dificulta a procura de ajuda e a torna cúmplice do agressor (Ricotta, 1999).

“ai a segunda agressão foi quando a gente estava voltando de um show eu e ele tinha bebido e começou novamente me xingar / ai pronto / mais uma vez escondi de todo mundo / fiquei 1 semana sem sair de casa de vergonha (...) / eu tinha vergonha de falar para minhas amigas e pais / do que as pessoas iria pen-

sar e falar” (Livia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“proibi minha família e amigos de virem aqui em casa / até o edema sair / sempre com desculpas / precisava esconder isso da minha família / meus amigos eram contra / eu estar com ele / eu me afastei de todos / e fiquei com ele / fingindo ser feliz”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“antes escutava tudo e ficava calada, chorava muito e nunca reclamei da minha vida para ninguém, tanto q qdo souberam ficaram chocados ,por achar q eu vivia num ceu..” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“ então apanho / e fico quieta / depois vou tomar banho / e choro no chuveiro / [nao há barulho?] / / sim ms fico calada/ para os vizinhos não escutarem / ele já grita bastante / e eu odeio gritos / quando alguém grita comigo eu travo / fico parada / [pq os vizinhos nao podem escutar?] / das agressões / tenho vergonha / que saibam” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Uma das entrevistadas disse que essa situação trouxe a impossibilidade de denunciar o parceiro por não haver testemunhas.

“[e como vc ficava nessas situações?] Uai! Desesperada! Mas ficava tentando manter a calma e pedia a ele que parasse em voz baixa. Morria de pavor em pensar que os vizinhos podiam ouvir. (...) / Os policiais querem que eu tenha marcas visíveis de ofensas e que eu apresente testemunhas. Nem adianta argumentar que morávamos só nós dois. / Acho que a errada sou eu, que não gritei por vergonha...”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Confirmando o que foi observado por Hirigoyen (2006), a maioria das humilhações que foram descritas estavam atreladas à sexualidade, produzindo sentimentos de vergonha. Esse sentimento pôde ser inferido em alguns momentos pela dificuldade das mulheres em descrever os xingamentos. Em diversas ocasiões foi necessário que a pesquisadora perguntasse explicitamente para que pudessem comentar. Além disso, em algumas situações houve pedidos de desculpas à entrevistadora por narrarem essas situações.

“Ah piranha;vagabunda...enfim...”. (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“muitos gritos, muitos gritos mesmo, muitas ofensas, muitos palavrões, “piranha”, filha-da-... interesseira.... o o que de pior vc puder imaginar....”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“desculpe te contar essas coisas todas / é que / era para voce ter um entendimento melho / melhor / não gosto de falar nessas coisas / me machucam bastante” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Em algumas entrevistas foram descritos comportamentos e comunicações verbais e não-verbais que parecem condizer com o aviltamento (Hirigoyen, 2006), já que denegriam a pessoa diminuindo sua autoestima. Como consequência os sujeitos expuseram perda de confiança em si mesmos e, de alguma forma, passaram a dar crédito à depreciação.

“aos poucos foi / me agredindo com palavras / dizendo q eu ã servia pra nada q eu era uma lesada / um atraso / eu ã tinha contato com minha da minha familia , apenas por telefone e as vezes / e aquilo tudo me deixava muito triste magoada mas msm assim ã tinha coragem suficiente pra voltar pra minha mae / mas um dia ele madou eu ir embora... eu fiquei pedindo pra ficar ,,, msm sofrendo ã conseguia me imagnar sem aquela pessoa” . (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“para me mostrar o quanto ridícula eu era / o quanto era deprecável a minah história, presente e passasda. (...) eu era submissa, muito submissa / e sem nenhum amor próprio / apesar de saber que ele não poderia me agredir / eu permitia o exercício de força e em [me] culpava”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“Me criticava até na maneira em que eu me penteava!” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“abalou muito minha auto estima/ achei q cheguei ao fundo do poço”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

Algumas entrevistadas mencionaram que se sentiram controladas por seus cônjuges, o que, segundo Ricotta (1999), é um tipo de dominação e violência. Del Priore (2006) afirmou que essa forma de possessão tem relação com os aspectos culturais de imposição da dicotomia sexual. Foi relatado que os parceiros controlavam o dinheiro que recebiam, desejavam ditar a vida sexual delas, assim como, sentiam vontade de condicionar os pensamentos e as ações da mulher de acordo

com seus interesses e expectativas. Kaplan, Sadock, e Grebb (1997) explicam que esses comportamentos são possíveis uma vez que o homem acredita que a mulher lhe pertence. Uma participante expôs que tinha medo de ser controlada por outro companheiro caso ficasse envolvida emocionalmente.

“ele diz que ele não largou de mim./ e que eu tenho dever de transar com ele”. (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“mas o dinheiro que sobra vai todo para mao dele, pois é ele que paga as contas (...) / concordo comm tudo que ele fala não descordo em nada”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“eu era submissa, muito submissa / e sem nenhum amor próprio / apesar de saber que ele não poderia me agredir / eu permitia o exercício de força e em [me] culpava”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“[o q ele faz q faz vc sentir esse medo?] eu penso que um homem pode chegar e me conquistar fazer com que eu o ame e depois me iludi me acredite tanto verbal como visicamente”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

Algumas participantes descreveram situações de intimidação produzindo consequências sérias a elas, inclusive paralisação por conta do medo e embotamento da capacidade de pensar, o que também foi assinalado por alguns autores em seus estudos (Araújo, 2005 e Hirigoyen, 2006).

“quebrou meu pc,tacou meu celular no chão,(...) / O medo, me deixa fraca...eu gro fazer,sei o fazer mas não faço...fico sempre achando que ele vai mudar e me deixar sair daqui numa boa. / As vezes.. / Eu passo a noite em claro/ pq ele pega faca.../ e fica alisando ela./ para me por medo /eu não durmo.. /(...)mesmo eu não tendo medo por fora , no fundo sempre da um medo sim, pq a todo momento tem mulher morrendo e ele qdo ve um caso desse , vem me falar e usa como referencia..”Morreu mais uma, ela tb não acreditava que ia morrer...vc não acredita e vc vai acabar assim / Eu sei que sou fraca,devia mudar isso.” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“força naa voz, no olhar / no corpo”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

A indiferença às demandas afetivas (Hirigoyen, 2006) pôde ser observada em situações em que as mulheres se sentiam desprezadas e negligenciadas, inclusive levando uma delas ao esgotamento físico e, outra a se sentir culpada por conta do parceiro simular estar doente.

“muitas vezes passei mal por exgotamento físico, msm assim ele ã se abalava”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“Cheguei no hospital / ele estava paralizado e não me reconhecia./ o medico me chamou./ e me perguntou se a gente brigava./ eu contei minha vida./ Ele disse q meu marido , estava daquele jeito por minha causa./ Disse q tinha dissociado / que poderia nem voltar mais. / ai foi encaminhado pra um centro p doente mental. / ai vem muita coisa na cabeça,se algo acontecer ,a culpa seria minha../ Mas passando na psicologa, ela me disse q era fingimento dele./ q ele me reconhecia..ele fingia tudo..”. (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

Uma entrevistada citou ter sido alvo do que Ricotta (1999) chamou de jogos mentais, uma vez que através do manejo das perguntas ela se sentia obrigada a respondê-lo, ou mesmo, a duvidar de si mesma.

“ele mexeu muito com meu psicologico sabe Helena/ ele me testava/ perguntava sobre meu passado/ com meus ex namorados/ como era minha vida sexual com eles / para eu falar os detalhes / nunca me sentia a vontade de falar / onde já se viu isso/ eu tina raiva / pq ele me perguntava/ ai te tanto ele me encher o saco eu falava qualquer coisa/ ai passava um tempo / ele me fazia mesma pergunta/ se eu respondesse ah não sei / ai era motivo / para falar que eu era mentirosa / que eu vivia num mundo de mentiras / que todos meus namorados só ficaram comigo para me comer / nada mais/ [e como ele mexeu no seu psicológico?] me deixou desilquilibrada / demais / comecei a ficar como ele ciumenta, sabe mais doente / ao ponto de perder meu emprego / pq eu ficava o dia inteiro vendo o que ele estava fazendo / louca / chorava todo o santo dia / de tanto ele falar que eu vivia no mundo de mentiras / comecei a achar que eu era mentirosa mesmo”. (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

Algumas entrevistadas relataram, consoante com as observações de Hirigoyen (2006), que seus companheiros a ameaçaram de morte, as levando a sentir medo, inclusive de sair da relação.

“Pq por eu gostar dele..eu aceitava os xingos, e ficava calada./ eu não podia fazer nada, e ele sempre foi livre./ E agora como eu deixei de amar ele, qro e vou me separar. / E ele está muito volento..ameaça me matar se eu fizer/ (...) mesmo eu não tendo medo por fora , no fundo sempre da um medo sim, pq a todo momento tem mulher morrendo e ele qdo ve um caso desse , vem me falar e usa como referencia..”Morreu mais uma, ela tb não acreditava que ia morrer...vc não acredita e vc vai acabar assim / Eu sei que sou fraca,devia mudar isso.”. (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“Me deu tapas no rosto, no ouvido, disse que ia me matar naquele dia. / Quando fico sozinha, fico me lembrando das coisas que aconteceram, das coisas que ele me dizia./ Chorei muito no começo. Mas, agora, quase nnão choro mais./ Dos xingamentos, da sensação desesperadora de apanhar, levar socos, tapas, do medo que eu sentia. (...) / Eu morava perto da escola em que trabalho./ Agora, por medo, me mudei para mais longe” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Outro tipo de assédio encontrado foi o que Hirigoyen (2006) chamou de intrusão, o parceiro se recusou a aceitar o término da relação, parecendo acreditar que sua esposa pertenceria a ele. Foi relatada por uma mulher a necessidade de mudar de residência, o que Hirigoyen (2006) pontuou ser habitual nessas circunstâncias.

“Eu pedia a ele que saísse, que fosse embora (a casa era minha). / Mas ele nem aí!/ Eu não podia pedir a ajuda de ninguém para tirá-lo de lá. (...) / Me mudei. Não quero que ele saiba onde estou. (...) Fiquei uns dias na casa da minha filha, aluguei um apartamento para mim e me mudei.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Segundo os relatos das entrevistadas as ações foram repetitivas, longas e havia a sensação de desigualdade o que, para Hirigoyen (2006), são características necessárias para que seja caracterizada a violência psicológica. A violência descrita pareceu ser uma tentativa de manter o poder e a dominação do agressor sobre a mulher. Conforme também foi descrito pela autora houve a negação da violência por parte dos homens que a cometeram, culpando as mulheres por seus atos. Del Priore (2006) assinalou, como discurso do amor idealizado na história brasileira, que o erro sempre seria da mulher, o que foi similar ao encontrado na escrita das entrevistadas, atribuindo a responsabilidade da violência à esposa. Em um dos depoimentos foi mencionado que o homem seria querido por todos, já que não demonstraria socialmente sua agressividade, parecendo conseguir manter relacio-

namentos sociais adequados. Essa posição parece demonstrar a dificuldade de integrar as características negativas como fazendo parte do homem, ou seja, utilizam-se os mecanismos de defesa cisão (Segal, 1975) e negação (Anna Freud, 1978). Conforme Saffioti (1994) assinalou, a diferença do homem no meio social parece dificultar a denúncia de casos de violência conjugal. Além disso, foi observada em um depoimento de uma entrevistada a atribuição da culpa a si mesma.

“e eu novamente pondo a culapa [culpa] em mim”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“ele fala que fez aquilo / pq eu que causei / eu que deixei ele nervoso / que ele não é agressivo com ninguém / só comigo / ele no nosso meio social é muito querido por todos”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Outro aspecto que ressalta a submissão da esposa é o medo das dificuldades econômicas (Hirigoyen, 2006). Apareceu no discurso das entrevistadas a crença de que como o parceiro arca com as despesas domésticas, ele não deixaria faltar nada a ela e aos filhos. Esse aspecto, de acordo com Hirigoyen (2006), influencia na dificuldade de se terminar a relação, no entanto, a autora enfatiza que o verdadeiro obstáculo à partida das vítimas é a dependência psicológica. O que pode confirmar essa afirmação é que, em dois casos, foi observado que as mulheres sustentavam seus parceiros e, da mesma forma, tiveram dificuldades em sair da relação, talvez pela dependência emocional.

“e ele prometeu que pararia / de fazer isso / ele não deixa faltar nada em casa / e nem p mim / se pedir algo sempre dá / mas se eu discordar de algo / ele parte para agressão física e verbal / queria muito me separar / mas se sinto totalmente dependente / e medo de ter mais um filho longe” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“Na verdade, eu o sustentei neste tempo todo. / Fiz dívidas, me afundei financeiramente e, ainda por cima, apanhei! / Fui burra, né?”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“e aquilo tudo me deixava muito triste magoada mas msm assim ñ tinha coragem suficiente pra voltar pra minha mãe / mas um dia ele madou eu ir embora... eu fiquei pedindo pra ficar ..., msm sofrendo ñ conseguia me imaginar sem aquela pessoa” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Os resultados colhidos nessa pesquisa parecem ilustrar a afirmação de Saf-fioti (1999) de que as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Para a autora, a emocional e a moral sempre continuam presentes em qualquer forma de agressão. O discernimento do que será caracterizado como agressivo dependerá da interpretação individual do *continuum* que vai desde a violência até as normas destinadas socialmente a cada gênero. De acordo com o relatório mundial de violência e saúde (Krug, 2002), o exemplo abaixo descreve a forma mais grave de abuso, ou seja, possuindo escala cada vez maior de diversas formas de abuso, terror e ameaças, além da presença de comportamentos possessivos e controladores do abusador.

“puxou pelos cabelos. (...) bater, xingava de coisas horríveis, ofensivas. E não poupava nem meus filhos e netos. / (...) Tapas na cara, torcia meus braços e dedos / Queria me obrigar a engolir coisas e dizia que ia me esfaquear "tingir a casa de sangue" ele dizia. / tentar me enforcar / eu tentava me defender e a camisa dele rasgou. Ele queria que eu engolissem os pedaços de camisa! / Bateu mais para que eu engolissem. / Na última briga, ele queria me obrigar a engolir a aliança... / Me xingou de vagabunda, puta e outras coisas lá mesmo, no portão da casa. / Entrou e começou a me agredir. / Me deu tapas no rosto, no ouvido, disse que ia me matar naquele dia. / ele rasgou minha roupa e bateu em mim nua”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Foram descritas, como foi assinalado anteriormente, ameaças de morte, no entanto, nenhuma distinguiu uma tentativa de assassinato contra elas. Também foram assinaladas ideações suicidas, entretanto, rechaçadas por elas mesmas ao se pensar nos filhos. Esses dados parecem direcionar ao que Heise, Pitanguy e Germain (1994) apontaram como possíveis consequências letais da agressão.

“dizia que ia me esfaquear "tingir a casa de sangue" ele dizia.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“eu estava em depressão em 2002 / queria morrer / não tinha vontade de viver por que eu pensava que casando ia ser feliz meu sonho sempre foi casar e ter um casal de filhos e meu marido me amar muito”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

“mas eu estava muito debilitada mentalmente / me achava a pessoa mas triste do mundo / tinha vontade d morrer de matar ele d sumir” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“tinha vontade de me matar” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Outro dado relevante, presente nas entrevistas, foram as consequências da violência conjugal na saúde das vítimas. Observavam-se muitos danos à vida da mulher vitimizada, como as DSTs, lesões corporais, problemas na gravidez, assim como depressão, ansiedade e problemas múltiplos da personalidade. Esses dados também foram assinalados por Heise, Pitanguy e Germain (1994) como decorrências não letais encontradas nas vítimas de violência doméstica. Foram mencionadas também dificuldades em relacionar-se com outras pessoas e confiar nelas.

“olha sinto muito sono; vontade de sair e não voltar mais; / [sair ?] sim sumir pra onde ninguém me encontre” (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“passei uma gravidez terrível/ emagreci 19 kg/ em tratamento psiquiátrico”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“Minha irmã acha que devo procurar um psiquiatra. Fazer tratamento... / Na verdade, eu acho também. Quando fico sozinha, fico me lembrando das coisas que aconteceram, das coisas que ele me dizia. / Chorei muito no começo. Mas, agora, quase não choro mais.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“[e como ele mexeu no seu psicológico?] me deixou desilibrada / demais / comecei a ficar como ele ciumenta, sabe mais doente / ao ponto de perder meu emprego / pq eu ficava o dia inteiro vendo o que ele estava fazendo / louca / chorava todo o santo dia / de tanto ele falar que eu vivia no mundo de mentiras / comecei a achar que eu era mentirosa mesmo (...)chorava muito / pensava coisas ruim / tinha vontade de matar ele / e me deu toc tbm / tomava 6 banhos por dia”. (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“eu estava em depressão em 2002 / queria morrer / não tinha vontade de viver por que eu pensava que casando ia ser feliz meu sonho sempre foi casar e ter um casal de filhos e meu marido me amar muito / (...)eu sou insegura acho que ninguém me ama ninguém me quer e que sempre vou ficar sozinha e sem ninguém tenho medo de ser so / ai meu Deus viu / isso tá complicando / não a trauma pior do que ser agredida entende/ eu tenho medo de meu marido se torna assim sinceramente tenho

medo/ eu não suportaria isso”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

“[quais são as dificuldades q vc tem por conta dessa situação?] de me relacionar com as pessoas / tenho medo, desconfiança / não acredito em amizade” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Foram ressaltadas, por um pequeno número de entrevistadas, agressões na gestação ou pós parto, o que pode confirmar os índices apresentados por Kaplan, Sadock, e Grebb (1997) de que nos EUA cerca de 15 a 25% de gestantes sofrem maus-tratos. Esse resultado, apesar da amostra pequena dessa pesquisa, pode indicar um alto risco de agressões físicas e psicológicas entre gestantes e seus companheiros hostis.

“a primeira vez que sofri uma violência doméstica foi do pai da minha filha / assim que ele soube que eu estava grávida / eu já havia contado / e ele me convenceu por algumas horas a abortar / quando cheguei em casa / do trabalho / disse q havia mudado de idéia / ele me empurrou / chutou / me sacudiu / bateu com minha cabeça na parede”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“depois daquele episódio, aconteceu durante a gravidez da Alice, em 1989, umas 3 vezes [pesquisadora pergunta: aconteceu o q?] / após na amamentação / empurrões com força e muitos gritos, muitos gritos mesmo, muitas ofensas, muitos palavrões, “piranha”, filha-da-... interesseira.... o o que de pior vc puder imaginar....”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Foi relatada agressão ao ventre da grávida, levando a mulher à infertilidade. Esse dado parece corroborar a afirmação de Hirigoyen (2006) de que esse ato indica o desejo de atacar a capacidade reprodutiva da mulher.

“de gravidez ele me empurrou e eu cai de barriga no chão e ele prescionou os pés sobre entre minha bacia e bumbum e daí saiu um líquido (que se chama líquido eminiótico que era do saco vitelino do bebê) (...)e daí eu tenho problemas agora pra engravidar”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

Pela análise do discurso das entrevistadas pôde-se observar que espontaneamente relataram sofrer inúmeros maus-tratos, tanto físicos quanto psicológicos. É importante salientar que não lhes foi perguntado explicitamente todos os tipos

de agressões passadas. Portanto, sabe-se que há grande possibilidade do número ser bem maior que o coletado.

Verifica-se que Marina, Rafaela e Sara, esposas dos agressores, relataram poucas agressões físicas em comparação à maioria. Enquanto Rafaela apresentou sofrer muito com violência psicológica, a mesma não relatou espontaneamente as agressões físicas sofridas. Talvez esse dado esteja relacionado a mecanismos de defesa, como de negação.

Concepção de violência

Nesse estudo buscou-se verificar quais atos e situações foram caracterizadas como violência e qual o peso que as entrevistadas deram a cada comportamento. Apesar de a agressão se referir ao ato que busca prejudicar ou ferir uma pessoa intencionalmente (Kaplan, Sadock, e Grebb, 1997) e embora isto seja mais ressaltado tanto nas leis quanto no cotidiano, o que se pôde observar nos relatos de todas as mulheres é que o aspecto psicológico foi assinalado como o mais danoso. Esse dado parece estar de acordo com a importância atribuída por Hirigoyen (2006) ao estudo do aspecto psicológico da violência no casal. No entanto, duas delas iniciaram a definição negando a exclusividade do aspecto físico da violência, o que parece depreciar a periculosidade dos ataques, além de parecer contrariar de alguma forma a afirmação (Hirigoyen, 2006) de que, sem a frequência das agressões físicas, não há o sentimento de vitimização por parte das mulheres. Isso porque, a interpretação das mulheres é que o insuportável estaria no poder das ofensas em deteriorá-las. Esse posicionamento delas pode ser mais uma explicação para a negligência das mesmas em buscar tratamento médico, além das causas que Miranda, de Paula e Bordin (2010) citaram.

“A violencia para mim não é só atacar fisicamente alguém/ violencia é tudo aquilo que deixa danos irreparáveis pelo resto da vida. Eu já sofri tanto com ofensas....que eu preferiria ter apalhado.... Isso dói...” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“são palavras que a pessoa fala justamente para te ofender, sabe que vai te magoar / te falo / quando ele chega me bater / já estou tão magoada com palavras / com ofensas que a dor física é pouca, me sinto uma "merda" / um lixo, não consigo me olhar no espelho / isso sempre acontece depois dessas agressões / não consigo me olhar / me sinto culpada por não tomar

uma atitude / Helena, isso não é vida”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“ñ é apenas pancadas ñ.....é tudo q tira sua identidade... / o q acaba com sua alto estima”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Foram utilizadas algumas palavras e expressões carregadas de afeto para expressar o significado de violência como, por exemplo, horror, covardia, algo terrível, o que tira a identidade, acaba com a autoestima, causa danos irreparáveis, o “nó que não sai da garganta”, doença e covardia. As afirmações das participantes estão consoantes com Corsi (2006), Hirigoyen (2006) e Michaud (1989), que afirmam que a violência, inclusive a psicológica, produz sérios danos às vítimas.

“difícil definir, né? / violência é uma coisa terrível! e esse nó que não sai da minha garganta. / é a humilhação, a vergonha que sinto. / é principalmente humilhante!” (camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“toda forma de horror que pode ser imposta a alguém, incluindo-se o horror verbal, gestual, físico, social, moral... toda subtração de dignidade e direito humano. ; digo, humanos”. (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“violencia e a forma mais covarde de um ser humano se relacionar com outro/ violencia e ... / deu branco/ mas a melhor definição e uma covardia ;uma doença/ quase incurável/ somente deus pode mudar um ser violento” (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“ah violência para mim é quando vc não respeita o próximo / que existe tantas tipos de violência / é bem complexo / violência física, verbal, psicologica, finaceira/ e sexual tbm/ tem vários tipos de violências” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“violencia uma pessoa desrespeitar o direito um do outro ninguém tem o direito de acreditar nem ofender ninguém” (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

“ñ é apenas pancadas ñ.....é tudo q tira sua identidade.../ o q acaba com sua alto estima” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“qualquer ato que ultrapasse o limite de dignidade de uma pessoa / que humilhe / machuque”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“a violencia para mim não é só atacar fisicamente alguém, violencia é tudo aquilo que deixa danos irreparáveis pelo resto da vida.eu ja sofri tanto com ofensas....que eu prefiriria ter apalhado..../ isso dói...” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“são palavras que a pessoa fala justamente para te ofender, sabe que vai te magoar / te falo/ quando ele chega me bater / já estou tão magoada com palavras/ com ofensas / que a dor fisica é pouca / me sinto uma "merda" / um lixo / não consigo me olhar no espelho / isso sempre acontece / depois dessas agressões / não consigo me olhar / me sinto culpada / por não tomar uma atitude / helen, isso não é vida” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

As mulheres expuseram sentimentos depreciativos e negativos que, segundo elas, são decorrentes da violência.

“me sinto [sinto] uma "merda" / um lixo / não consigo me olhar no espelho / isso sempre acontece / depois dessas agressões / não consigo me olhar / me sinto culpada / por não tomar uma atitude / Helena, isso não é vida” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“eu me sentia frustrada” (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

A humilhação foi comentada por duas mulheres como pertencente à definição de violência, o que para autores como Corsi (2006); Hirigoyen (2006); Miranda, de Paula e Bordin (2010) e Ricotta (1999) é um sentimento muito frequente em vítimas de violência conjugal.

“Difícil definir, né? / Violência é uma coisa terrível! E esse nó que não sai da minha garganta. / É a humilhação, a vergonha que sinto. / É principalmente HUMILHANTE!” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Duas mulheres declararam que o desrespeito, sendo ao outro ou ao direito desse, faz parte da dinâmica agressiva, esse também é o posicionamento de Hirigoyen (2006). No entanto, não relataram o papel da própria pessoa em se respeitar e se defender, o que pode indicar, de alguma forma, que há aceitação dos valores atribuídos pelo agressor, tanto que disseram produzir feridas. Ricotta (1999) indicou que esse posicionamento pode fomentar o círculo vicioso da violência, uma

vez que dá ao carrasco a posição de senhor do destino da mulher. Além disso, o desrespeito por parte do agressor pode indicar a característica que Ricotta (1999) apontou que os agressores possuem: a falta de empatia.

“ah violência para mim é quando vc não respeita o próximo”.
(Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“violencia uma pessoa desrespeitar o direito um do outro ninguém tem o direito de acreditar [agredir] nem ofender ninguém”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

Dentre alguns aspectos abordados pelas mulheres entrevistadas, destaco o roteiro dos comportamentos agressivos, consoante com o que foi descrito por Hirigoyen (2006). Inicialmente, os companheiros apresentaram ciúmes patológico, buscaram controlar as parceiras ou isolá-las de suas famílias e amigos, além de humilhá-las, para depois usar a agressão física. Houve o relato de que nesse início as esposas toleravam esses comportamentos por acreditarem que haveria mudança quando eles percebessem que as ações das mesmas estavam em conformidade com o que era esperado por eles. Talvez isso tenha relação com algumas hipóteses de Hirigoyen (2006), de que sempre há a esperança que o parceiro mude e que o ataque verbal aparece inicialmente como microviolências que são sutis e difíceis de serem detectadas. Segundo Hirigoyen (2006) e Saffioti (1994), não denunciar o agressor propicia maior intensidade e frequência da violência conjugal. Todavia, Hirigoyen (2006) assinalou que apesar de ser comum a diminuição das agressões após a denúncia de maus-tratos, permanece a violência por meio de ataques verbais ou psicológicos.

“Depois de algum tempo juntos, ele começou a ficar agressivo. / Me criticava até na maneira em que eu me penteava! / Um dia, meus filhos estavam em minha casa e ele se irritou nem sei com o quê. Foi sentar no banco da praça em frente à nossa casa e eu fui ver o que estava acontecendo. / Pois bem, lá meio da praça mesmo, ele me puxou pelos cabelos... / Depois disso, em vários episódios, foi ficando cada vez mais agressivo. / Até chegar ao ponto de bater em mim de fato, várias vezes”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Nos dados colhidos, observou-se ser frequente o aumento da gravidade dos comportamentos agressivos, acrescentando violências físicas às psicológicas. Essa

situação foi exposta também por Hirigoyen (2006), que descreveu a presença da interligação entre os diversos tipos de violência. Notou-se que, no início do relacionamento, os comportamentos agressivos dos homens foram considerados como “nervosismo”, “críticas” ou “ciúmes”, e que só depois do agravamento foram vistos como violência.

“Essa brigas são geradas pelo ciúme, que ele tem de todo mundo...ele quebras as coisas dentro de casa, quebra prato...e me ofende....me ameaça ... / tudo na frente dos filhos.” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“começou a ã deixar eu andar na minha mãe / pq tínhamos muito pedidos e a obrigação d entregar / por muitas vezes passei mal por exgotamento físico, msm assim ele ã se abalava / com 6 meses d gestação em uma discução / ele acabou me empurrando..... / comecei a chorar , mas desculpei ele..... / depois disso comecei a ve q ã conhecia aquela pessoa” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“Depois de algum tempo juntos, ele começou a ficar agressivo. / Me criticava até na maneira em que eu me penteava! / Um dia, meus filhos estavam em minha casa e ele se irritou nem sei com o quê. Foi sentar no banco da praça em frente à nossa casa e eu fui ver o que estava acontecendo. / Pois bem, lá meio da praça mesmo, ele me puxou pelos cabelos... / Depois disso, em vários episódios, foi ficando cada vez mais agressivo. / Até chegar ao ponto de bater em mim de fato, várias vezes”. (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

A violência foi apresentada como trágica e traumatizante. Além disso, parece que o sentimento das agredidas é de submissão, dependência e de estar sob o controle e o poder do parceiro, tal como abordado por Hirigoyen (2006) e como se pode observar abaixo:

“queria muito me separar / mas se sinto totalmente dependente / e medo de ter mais um filho longe”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“aos poucos foi / me agredindo com palavras / dizendo q eu ã servia pra nada q eu era uma lesada / um atraso / eu ã tinha contato com minha da minha família , apenas por telefone e as vezes / e aquilo tudo me deixava muito triste magoada mas msm assim ã tinha coragem suficiente pra voltar pra minha mãe / mas um dia ele madou eu ir embora... eu fiquei pedindo pra ficar ,, , msm sofrendo ã conseguia me imaginar sem aquela pessoa / mas fui pra casa da minha mae passei apenas 2 dias ele foi me procurar e voltei” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“nao a trauma pior do que ser agredida entende/ eu tenho medo de meu marido se torna assim sinceramente tenho medo/ eu não suportaria isso [o q ele faz q faz vc sentir esse medo?] eu penso que um homem pode chegar e me conquistar fazer com que eu o ame e depois me iludi me acredite tanto verbal como visicamente”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

“desde aquele dia/ lutava contra mim/ para mandar ele ir embora [o que vc acha q mudou em vc] positivamente / foi a coragem de tirar ele da minha vida como homem / e sobreviver em paz / mas negativamente / abalou muito minha auto estima/ achei q cheguei ao fundo do poço/ e que talvez não tivesse capacidade de sr feliz / tipo: eu mereço isso”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

Uma das entrevistadas interpreta a violência como “nervosismo” do marido. Ela acredita que tem obtido bons resultados, apesar de ele eventualmente lhe agredir ferozmente.

“hj eu encaro melhor as coisas / e faço de tudo para que ele não fique nervoso/ adoro quando ele tem que vaiar a trabalho / pq fico só com meu filho” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Repetição da violência

Todas as entrevistadas, exceto uma, relataram nítida repetição da violência, entre a família de origem, a constituída e até mesmo entre a família extensa, como tias, sobrinha e irmãos. Em algumas, a repetição se apresentou em três gerações, o que poderia ser chamado de transmissão psíquica transgeracional (Kaës, Faimberg, Enriquez e Baranes, 2001). Nos exemplos abaixo, pode-se observar, de acordo com a informação colhida das entrevistadas, um histórico de sucessivas violências, entre vários personagens da história familiar. Na primeira vinheta, a avó batia na mãe, que depois espancou a filha e que por sequência se envolveu com um homem que a agredia. No segundo caso, o enredamento intersubjetivo parece ser mais extenso. O pai, proveniente de uma família violenta, apresentou comportamentos muito agressivos e ciumentos para com os filhos e a mãe. A prole desse casal também reproduziu tal dinâmica, seja na posição de algoz, seja na de vítima. Uma sobrinha foi referida como também vítima de hostilidade do cônjuge. De alguma forma parece que a família tem sua identidade formada através do sintoma, a violência.

“ [sobre o companheiro] Depois de algum tempo juntos, ele começou a ficar agressivo. / Pois bem, lá meio da praça mesmo, ele me puxou pelos cabelos... / Depois disso, em vários episódios, foi ficando cada vez mais agressivo. / Até chegar ao ponto de bater em mim de fato, várias vezes (...) Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. [e o que sabe sobre a vida da sua mãe?] Ela conta que apanhava muito. (...) [sua mãe] Dizia que ela [avó] batia nos filhos e no marido” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“Bom..eu moro com meu companheiro..a 20 anos tenho 3 filhos. / Ele sempre foi muito ciumento... / Eu não podia ter amigas,ele me seguia pelas ruas (...)Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas.. / não deixava sair / namorar (...)minha mãe tb sofreu muito com ele. / anos e anos / ele bebia muito / era agressivo / ela tb ficava calada / (...) minha irmã.....passou quase o mesmo q eu / mas se acertou com o marido...e hoje vive bem / minha sobrinha...sofreu com o marido..eela apanhou..mas tb se livrou dele. / pq ele aprontou e foi preso no paraná. / dois irmãos meus tb...passaram o mesmo no casamento / o mesmo / muitas brigas...e violencia... / meu irmão...mais velho brigava muito com mina cunhada.. / ate q se separaram.../ minha irmã....brigava muito...com meu cunhado ate pegou faca para atacar ele, mas ele diz q era ele o errado pq sentir ciumes dela; / um irmão....é muito calmo era minha cunhada q usava drogas.e bebia muito / judiava dos filhos e ele se separou/ (...) [algum de seus avós eram violentos?] da minha mãe não... / mas do meu pai eram sim.. / pelo que sei” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

Uma participante expôs que das 9 tias, 7 sofreram violência doméstica. Esse número elevado de herdeiros do sintoma familiar parece remeter ao que Kaës (2001a) afirmou sobre a impossibilidade de não participar dos grupos que o precedem. Cabe, no entanto, ressaltar que aparentemente duas tias escaparam desse legado, cabendo investigar quais foram os efeitos dessa herança na vida dessas pessoas. Assim, parece que a maioria dos integrantes da família recebeu a transmissão e se apropriou das referências identificatórias e dos mecanismos de defesa sem muita transformação. Isso tornou acessíveis os sintomas aos descendentes por meio de traços, mantendo presentes o recalcado e interligando as gerações. Esse exemplo ressalta o assinalamento de Magalhães e Féres-Carneiro (2007) sobre como se comunicam os conteúdos inconscientes familiares, por meio das identificações com as relações mais importantes da vida da pessoa. Por outro lado, parece que, nesses casos de repetição da violência na família, há um processo identifica-

tório congelado em um sempre atemporal, tal como é o inconsciente, que parece produzir o que Faimberg (2001) chamou de clivagem alienante.

“minhs tias minhas / a maioria era devivo a bebidas.... / eles alcoolizados batias nelas / mas tem uma q mora vizinho aqui / ela é minha tia tbm / sofre tudo q eu passei até hj / ja estar nessa situação a 5 anos.(...) [quantas tias vc tem?] 9 [e quantas dessas sofreram violência?] 7 ”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Algumas entrevistadas referiram que familiares agressivos sofreram violência na infância, o que Ricotta (1999) observou ser comum. Kernberg (2007) afirmou que quando o sujeito se identifica com um objeto não confiável e mau de sua infância, esse tem a predisposição de destruir vingativamente todas as relações objetais que venha a constituir. Além disso, esse dado pode sugerir que as formas de se relacionar, os direitos e os deveres de cada membro foram definidos pelo sistema de parentesco, tal como foi afirmado por Solis-Ponton (2004). Os sujeitos repetiram a dinâmica de serem carrascos, possivelmente, sob a ótica da psicanálise, por conta do mecanismo de identificação (Freud, 1921/1976). Esse achado está consoante com outros estudos que sinalizaram a repetição da violência entre aqueles que foram vítimas de pais agressivos na infância (Penso, Costa e Almeida, 2005; Penso e Neves, 2008; Ramos e Oliveira, 2008; Ribeiro e Bareicha, 2008). Esse aspecto corrobora a afirmação de Kaës (2001a) de que a constituição do sujeito deriva da intersubjetividade, de que o psiquismo é subordinado à família e, ainda, sobre a possibilidade de o sujeito repetir a posição de vítima ou carrasco tal como os antepassados. Esse aspecto parece também se referir à capacidade do indivíduo de se identificar com o grupo que o antecede de forma a construir sua identidade por meio da transmissão psíquica geracional (Ruiz Correa, 2007).

“Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. Batia escondido do meu pai, que não gostava que ela nos surrasse./ Não precisava nem ter motivo. Todos os dias, tinha surra (...) [e o que sabe sobre a vida da sua mãe?] Ela conta que apanhava muito” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“meu pai era muito ruim judiava da minha mae e de meus irmaos / [eu] sofria agressões / 1 pelo meu pai (...) [pq vc acha q seu pai batia?] por que meu vo fazia isso com ele eu penso que é uma maneira dele se vingar do meu avo / entende”. (Luana,

27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

Houve a reprodução da violência na posição de algoz entre aqueles que testemunharam agressões entre os pais, sugerindo que esses podem ter manejado o sofrimento invertendo-o ao ódio (Kernberg, 2007) e, ainda, que testemunhar é tão danoso quanto ser vítima da violência (Hirigoyen, 2006). De acordo com Kernberg (2007), as vivências iniciais do sujeito podem favorecer a manifestação de violência e originar psicopatologias. Essa reprodução da brutalidade está consoante com a afirmação de Kaës (2001a) de que os antepassados influenciam em como o sujeito se comportará. Assim, o lugar daquele que produz comportamentos agressivos parece ter se repetido por meio da identificação e da reprodução dos atos nos relacionamentos constituídos. O sujeito se tornou aquilo que de alguma forma foi anunciado a ele por meio dos investimentos, do desejo e das representações da família.

“Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas.. / não deixava sair namorar (...) minha mãe tb sofreu muito com ele. / anos e anos / ele bebia muito / era agressivo / ela saia toda arranhada. (...) [algum de seus avós eram violentos?] da minha mãe não... / mas do meu pai eram sim.. / pelo que sei” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“[pai] ele batia nela [mãe]/ mas ela q batia nele primeiro. / (...)ela ia pra cima dele.... mas ele segurava ela.....(...) meu avô [materno] qndo eu era criança ele batia muito na minha avó / mas eu ã via. / pq até hj minha avó sofre com o meu avo / hj em dia ele ã bater mas nela / mas fica humilhando ela”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Mulheres que sofreram violência dos seus companheiros e da família informaram que também agiram de forma agressiva, seja com seu parceiro violento ou com a prole. Na literatura também há relatos de mulheres violentas (Hirigoyen, 2006) e que podem apresentar tendências vingativas (Kernberg, 2007). Parece que nesses casos houve a identificação com o agressor e com a relação dolorosa, impotente e paralisante que tinha com ele. Nessa dinâmica, tal como exposta por Kernberg (2007), projetam-se as partes de si mesmas maltratadas em outros objetos, fazendo com que os relacionamentos agressivos continuem as engolindo, mesmo que estejam na posição de algozes ou de vítimas. Além disso, conforme

Araújo (2005) assinalou, mesmo em posição de vítimas, as mulheres nem sempre são totalmente passivas. Nos casos apresentados parece que de alguma forma a violência sofrida não foi simbolizada, obrigando a repetição, tanto nos parceiros quanto na prole, em uma tentativa de elaboração.

“ele bebia e mudava completamente / começa a me xingar de puta, vagabunda e ai vai / ai foi onde começou a primeira agressão (...) e ele tinha bebido muito e eu tbm / ele estava dirigindo meu carro / ai começamos a discutir / ai quando ele jogou a chave do meu no meu da rua / ai eu fiquei com tanta raiva que EU fui para cima dele / ai começamos a brigar no meu da rua uma baixaria” (Livia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“[ex companheiro agressivo] ele estava com amigos / partia primeiro de mim / as agressões verbais / (...) sou uma pessoa impulsiva / sei q muitas vezes saio de mim / em discussão / (...) mas nunca mais deixei alguém encostar a mão em mim (...) já me peguei com ódio e voando em cima da pessoa / como se fosse a atitude inversa (...) [com o atual companheiro] e naquela discussão fez não fiz / parti para cima dele com ódio / rasguei a blusa dele / dizendo / não me chame de mentirosa (...) agredir ele / ele nunca levantou a voz para mim”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“[e como eram as agressões vindas de sua mãe?] por essa imposição moral, ela cobrava de mim um amadurecimento, as palavras eram de similares as usadas para ofender os meus irmãos, muito a palavra insolente, quando eu quebrava algo, muita culpa, ela me punia com a culpa, com a rejeição, com o endurecimento do corpo e da voz, eu não lembro muito das palavras, somente os gestos, o tom da voz, o olhar (...) / meu ex, agrediu-me com uma tentativa superficial de esganadura (...). [e como ele era violento com você?] em constrangimentos / bem parecido com a maneira da minha mãe / como eu ousava não ser dentro do padrão / era um dscurso dubio / e eu me cobrava o comportamento dentro das expectativas dele / e não o que eu era / de fato / eu durante anos , fiquei perdida dentro de mim mesma (...) / [entre ela e a filha].tapas, arranhões(dela [filha] em mim), muitos empurrões, gritos, ofensas / eu tentei esganá-la [a filha] na primeira agressão” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Em alguns casos ficou muito evidente a repetição até mesmo das formas de violência vivenciadas, que se apresentaram como cópias muito semelhantes às anteriores, sugerindo que houve um padrão de transmissão das experiências de violências ao longo de gerações (Narvaz e Koller, 2006) e um processo de identi-

ficação que levou à apropriação das qualidades do outro, as utilizando para determinado fim (Baranes, 2001; Kaës, 2001a).

“Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas.. / não deixava sair / Namorar / (...) uma vez ate fugi de casa / aos 12 anos../ pq ele acho q tinha um menino afim de mim, e pegou uma faca bebado / e disse q ia acabar com o menino / eu senti medo/ e fugi de csa. / (...) Ele [o companheiro] sempre foi muito ciumento... / Eu não podia ter amigas,ele me seguia pelas ruas... (...) eu passo a noite em claro / pq ele pega a faca... / e fica alisando ela / para me dar medo / e eu não durmo” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“meu ex, agrediu-me com uma tentativa superficial de esganadura (...) eu tentei esganá-la [a filha] na primeira agressão (...) meus irmãos maiores com diferença de idade de 5 e 7 anos, me batiam por motivos fúteis, além do assédio moral. (...) Minha mãe na adolescência, usou da agressão verbal e poucas vezes na infância. / [e como eram as agressões vindas de sua mãe?] por essa imposição moral, ela cobrava de mim um amadurecimento, as palavras eram de similares as usadas para ofender os meus irmãos/ [sobre seu companheiro] em [me] humilhava / me depreciava em relação aos colegas / do tipo, o colega fez porque era comigo, como ele poderia ter outra atitude se eu tinha essas características: bobinha... radical... sem visão... sem estratégia.... (...) / ” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“[sobre o pai] lembro de uma vez / que fiz prova para predo segundo / Pedro II / e meu pai me batei / bateu / falando que eu queria / serputa / ser puta / pq passei para um colegio publico e ele opagava. / (...) [sobre o companheiro] mas se eu discordar de algo / ele parte para agressão fisica e verbal / com socos na cabeça / (...) me chama de filha da puta, piranha...” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Duas entrevistadas relataram espontaneamente a crença de que a violência tem relação com a vivência de agressões na família, o que também foi assinalado nos estudos de Bucher (2003) e Gomes (2005, 2007). Uma, ao se perguntar sobre a história da violência em sua vida, respondeu a partir da história de sua infância.

“as coisas do passado as vezes atrapalha nosso futuro / eu nao queria ser insegura / e eu queria pensar sempre positivo pensar e crer que a pessoa que esta ao meu lado me ama e nunca vai me ferir como meu pai fez”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

“Sim, na verdade começou na infância, em minha família de origem: meus irmãos maiores com diferença de idade de 5 e 7

anos, me batiam por motivos fúteis, além do assédio moral. Isto se prolongou dos 7 anos até os 19 anos, quando sai de casa para unir-me ao meu companheiro. / A violência fazia parte relações familiares.” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Outra participante opinou que o pai seria violento com a família constituída para se vingar de seu pai pela violência sofrida na infância. De alguma forma, a filha foi porta voz do traço que seguiu entre as gerações, apesar do recalçamento. Isso parece estar de acordo com a afirmação de Kaës (2001b) de que tanto o afeto quanto o representante da pulsão são transmitidos entre as gerações. Além disso, a reprodução de comportamentos agressivos em outros objetos, com o objetivo de se vingar das relações patogênicas do passado, também foi observado por Kernberg (1995). O autor afirmou também que o sujeito expressa a ira ativa numa relação objetal totalmente má na expectativa inconsciente de eliminá-la e restaurar uma relação boa (Kernberg, 2007).

“[pq vc acha q seu pai batia?] por que meu vo fazia isso com ele eu penso que é uma maneira dele se vingar do meu avo / entende”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

Em duas entrevistas, observou-se que as vítimas qualificaram o algoz positivamente, apesar dos atos agressivos, para isso parece terem sido utilizados os mecanismos de defesa negação (Anna Freud, 1978) e cisão (Segal, 1975). Sabe-se que os mecanismos de defesa são transmitidos através das gerações (Kaës, 2001a). Conforme Miller (1997) assinalou, nesse panorama se oculta o conhecimento da crueldade e negam-se os resultados maléficos do abuso, que segundo Ricotta (1999) elicia o algoz a permanecer na violência. Essa dinâmica corrobora a participação da vítima na trama familiar, ou seja, que de alguma forma ela ajuda a produzir ou reproduzir a violência, o que foi também ressaltado por Araújo (2005) e Saffioti (1999).

“[o companheiro] ele é uma pessoa boa / ele é militar / da aeronáutica / mas não posso discordar com ele em nada / que aí começam as agressões / e ele sabe que não tenho para onde ir / e nunca tive apoio de minha família em nada / ele usa isso a seu favor / (...) e ele prometeu que pararia / de fazer isso / ele não deixa faltar nada em casa / e nem p mim / se pedir algo sempre dá / mas se eu discordar de algo / ele parte para agressão física e verbal / (...) [o pai] meu pai foi um bom pai pa-

ra mim e irmã / para meu irmão que era só / filho da minha mãe / Não / ele fazia coisas erradas e minha mãe / ficava na cabeça dele / ele descia ate o quarto do meu irmão e batia nele / quase todos os dias (...)lembro de uma vez / que fiz prova para predo segundo / Pedro II / e meu pai me batei / bateu / falando que eu queria / ser puta / ser puta / pq passei para um colegio publico e ele opagava / (...) [a mãe] lembrou uma vez que minha mae quebrou uma vassoura nas costas dele / e isso me deixava com medo e tinha medo de apanhar da mesma forma / (...) amo meus pais / lógico / apesar de tudo / mas eles sempre / nos deram tudo / material / e esqueceram da / educação, dos valores”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“com 6 meses d gestação em uma discução / ele acabou me empurrando..... / comecei a chorar , mas desculpei ele.....” (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Mulheres vítimas de violência no presente informaram ter sofrido ou testemunhado violência de suas mães na infância, o que foi consoante com a afirmação de Hirigoyen (2006) de que as mulheres também são violentas. No entanto, parece ser interessante que as participantes repetiram a posição de vítima da infância e não o lugar estabelecido pelas mulheres de sua família, ou seja, de algozes.

“[e como eram as agressões vindas de sua mãe?] por essa imposição moral, ela cobrava de mim um amadurecimento, as palavras eram de similares as usadas para ofender os meus irmãos, muito a palavra insolente, quando eu quebrava algo, muita culpa, ela me punia com a culpa, com a rejeição, com o endurecimento do corpo e da voz, eu não lembro muito das palavras, somente os gestos, o tom da voz, o olhar” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

“Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. Batia escondido do meu pai, que não gostava que ela nos surrasse./ Não precisava nem ter motivo. Todos os dias, tinha surra” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“[pai] ele batia nela [mãe]/ mas ela q batia nele primeiro. / (...)ela ia pra cima dele.... mas ele segurava ela.....”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Algumas mulheres qualificaram o relacionamento conjugal, o próprio ou dos pais, ou o contexto familiar como satisfatório mesmo ocorrendo dinâmicas

agressivas, parecendo que perderam a sensibilidade da qualidade dos relacionamentos (Ricotta, 1999). A visão positiva dos relacionamentos pode estar relacionada com o aspecto cíclico da violência, tal como exposto por Corsi (2006), e pela co-dependência que a pessoa pode ter da relação (Giddens, 1992 e Saffioti 1997, 1999). As entrevistadas relataram acreditar que com a submissão, ou ao se anularem, estariam sob o controle da situação nos seus relacionamentos. Havendo, portanto, um autosacrifício em detrimento do parceiro ou da relação, o que para Kernberg (2007) é característica de um enamoramento patológico e de haver um ganho por se encontrar na posição de vítima. Além disso, em duas entrevistadas parece estar inconsciente a repetição do padrão estabelecido na infância e na cultura: de subjugação e poder. Assim, parece que essa repetição indica que o papel e a função da mulher como vítima na família foram atribuídos por outras gerações e por mitos familiares, conforme exposto por Gomes (2005).

“[os pais] eles viviam bem / ele tinha muito ciumes dela / as vezes nas discursões....ele batia nela / mas ela q batia nele primeiro. / (...)ela ia pra cima dele.... mas ele segurava ela..../ coisas desse tipo..... /ela pedia pra ele parar com ciumes”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

“olha;tem me ajudado pq enho aprendido a lidar com ele;quando bebe ja procuro ficar mais calada;não cobrar honorários.enfim / [e funciona?] sim.tenho ttido otimos resultados” (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

“ele é uma pessoa boa / (...) ele não deixa faltar nada em casa / e nem p mim / se pedir algo sempre dá (...)/ hj eu encaro melhor as coisas / e faço de tudo para que ele não fique nervoso / adoro quando ele tem que vaiajar a trabalho / pq fico só com meu filho / [e funciona não discordar?] sim funciona / [o q mais vc faz para q ele não fique nervoso?] concordo comm tudo que ele fala/ não descordo em nada / mesmo que por dentro não concorde/ me anulei” (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. Batia escondido do meu pai, que não gostava que ela nos surrasse. / Não precisava nem ter motivo. Todos os dias, tinha surra. (...) / Mas, apesar disso e das dificuldades, não passamos por privações sérias. / Não nos faltou nada. / Acho que foi uma infância feliz.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Apesar da consciência do dano sofrido e de afirmar desejar se separar, algumas mulheres relataram que se sentiam dependentes do parceiro. Essa dinâmica parece ser possível pela formação de um vínculo muito forte com o abusador e por fixação ao trauma, tal como foi descrito por Kernberg (2007).

“queria muito me separar / mas se sinto totalmente dependente”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

Também foram relatadas repetições de violência em grupos além do familiar, como estupro no ambiente do trabalho e *bullying* na escola, condizendo com a afirmação de Ricotta (1999) de que registros de agressão na infância e na adolescência tornam a vítima propensa a novas situações de submissão à violência. A repetição de abusos em outros grupos pode ter relação com a afirmação de Kaës (2001a) de que o sujeito pertence a mais de um grupo, portanto, podendo haver ressonâncias entre esses diversos espaços psíquicos intersubjetivos.

“fui trabalhar nesse jornal / Eu era muito bonita / chamava muita atenção / e isso ate me prejudicava algumas vezes / e esse cara era conhecido da minha mãe / e ele sabi da minha situação / que precisav do emprego / um belo dia / tive que fazer chegar mais cedo no jornal para acompanhar a distribuição para os jornaleiros / e ele estava lá / começou a falar que eu era linda, que sentia tesão / e eu me esquivando dele / chegou o momento que me pegou a força / e me machucou bastante / cheguei em casa / e não contei nada , só chorava / falei que pediria as contas, e minha mae falou que se eu fosse fazer isso teria que procurar outro lugar / para morar / pq não teria como me sustentar com meu filho / (...) o pior ainda / não foi isso / depois de 2 meses descobrir que estava grávida desse mostro / não contei nada em relação ao abuso / (...) pq não tinha dinheiro / para abortar / e era de um monstro / Imagine só / como eles me tratavam / como uma puta / que teve outro filho de outro homem / apanhava dia e noite / a minha filha nasceu de 6 meses / [apanhava] dos meus pais / e situação piorou / pq eu não gostava da minha filha / olhava para ela e via toda aquela cena / na minha cabeça”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“sofri bulling na escola / era gorda / e me maltratavam muito / [como?] me ridicularizavam / na educação física / não era chamada para dançar música lenta / cantavam em coro a música do balão mágico para mim”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

O suicídio de um familiar também foi relatado por uma das entrevistadas. Kaës (2001a) assinalou que sintomas autodestrutivos podem ser decorrentes de dinâmicas de violência na família que podem ter sido transmitidas transgeracionalmente.

“Meu tio, irmão de minha mãe, se suicidou aos 19 anos. Esta sempre foi uma das maiores tristezas dela.” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Outro aspecto que chamou atenção foi o padrão repetitivo de reação submissa e da vulnerabilidade, o que respectivamente foi também assinalado por Ricotta (1999) e Hirigoyen (2006) como comuns em vítimas de agressões. Uma entrevistada relatou forma semelhante de reagir à violência, tampar os ouvidos quando criança e quando adulta se cala e se anula, reação que Araújo (2005) chamou de embotamento da capacidade de pensar e Penso, Costa e Almeida (2005) de paralisação emocional frente à situação abusiva. Talvez esse comportamento esteja ligado igualmente à dificuldade em expressar a agressão, se deprimindo quando se esperaria raiva (Kernberg, 2007). Outra participante expôs a crença de que em outro relacionamento poderá estar às voltas com o mesmo padrão de submissão e violência.

“[pai na sua infância] ele descia ate o quarto do meu irmão e batia nele / quase todos os dias / [e onde vc estava qdo isso acontecia?] no meu quarto / abraçada com minha irma mais nova/ e tampava os ouvidos dela / [o q vc escutava?] ele batido e meu irmao gritando para parar / (...) [atualmente] então apanho / e fico quieta / depois vou tomar banho / e choro no chuveiro / [não há barulho?] sim ms fico calada / para os vizinhos não escutarem / ele já grita bastante / e eu odeio gritos / quando alguém grita comigo eu travo / fico parada / (...) pq não consigo ser agrssiva com ninguém, mesmo que a pessoa seja comigo / em todas as situações / pode ser com quem for / desde um fechada no transito, no trabalho / principalmente em casa / não me sinto no direito de magoar ninguém / nem que seja para me defender / (...) de ser agredida verbalmente por quem for / a minha atitude e baixar a cabeça e as lágrimas já começam a descer / não sei respondera mesma altura / da agressividade / muitas vezes eu não me sinto capaz (...) ” hj eu encaro melhor as coisas / e faço de tudo para que ele não fique nervoso / adoro quando ele tem que viajar a trabalho / pq fico só com meu filho / concordo comm tudo que ele fala / não descordo em nada / mesmo que por dentro não concorde / me anulei (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com agressor há 7 anos).

“[o q ele faz q faz vc sentir esse medo?] eu penso que um homem pode chegar e me conquistar fazer com que eu o ame e depois me iludi me acredite tanto verbal como visicamente”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

Foi relatado que elas reagiam à violência, ou seja, não eram passivas a ela, observação feita também por Araújo (2005) em seus estudos.

“xingava ele tbm de covarde / todas as vezes que ele me agrediu eu ia para cima dele tbm” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

“e ele disse sai da frente e disse um palavrão e eu não fala assim comigo não e ele disse que fala do jeito que ele queria e me bateu”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

As mães de algumas entrevistadas também foram agredidas por seus cônjuges, configurando o mesmo quadro colocado por meio das estatísticas de Kaplan, Sadock e Grebb (1997) e dos estudos de Narvaz e Koller (2006).

“meu pai era muito ruim judiava da minha mãe e de meus irmãos”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

“minha mãe tb sofreu muito com ele. / anos e anos / ele bebia muito / era agressivo / ela tb ficava calada” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“[pai] ele batia nela [mãe]”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Houve o relato de duas entrevistadas sobre o medo do passado continuar presente e de que, de alguma forma, repetisse as situações de violência.

“[quais são as dificuldades que vieram por conta das agressões na sua vida?] / eu sou muito nervosa agitada eu tenho medo, mais não gosto de demonstrar / e as vezes acho igual agora eu estou casada de novo não eu sei que sou cri cri / sabe o que é isso não / então acho que ele tbm vai fazer isso comigo / [isso o q?] e sabe sempre a gente volta ao passado / [o q ele faz q faz vc sentir esse medo?] eu penso que um homem pode chegar e me conquistar fazer com que eu o ame e depois me iludi me acredite tanto verbal como visicamente”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

“[e como que a psicoterapia te ajudou?] me ajudou a entender melhor e a situação / pq assim/ eu sabia que essa experiência eu levaria ela para sempre comigo / e eu queria saber quais seriam as consequências que ela poderia me gerar / não conseguir se relacionar com mais ninguém / ou não ter mais prazeres / ter medo de se envolver” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

A única entrevistada que não relatou espontaneamente violência na família de origem, relatou indícios de negligência dos pais para com ela, que segundo Azevedo e Guerra (2002) e Ricotta (1999) também é uma forma de violência. Isso porque, mesmo eles sabendo que a adolescente sofria agressões do namorado permitiram o casamento da filha. Atualmente, segundo a informação da entrevistada, aconselham que ela se acalme, fique quieta e não provoque a ira do marido, de alguma forma desconsiderando as consequências das agressões na filha, não a protegendo.

“[e o q seus pais achavam de vc namorar?] olha concordaram no começo;depois as agressoes os deixaram preocupados / [e como eles sabiam?] ouviam as brigas as vezes / eu chorava / [como eram as brigas?] eram discursos;seguidas de tapas e termino de namoro...mas depois acabava voltando / [e com quem vc conta?] olha; todos da minha familia e vizinhos... / me ajudam;dão / força;aconselham... / ajudam de forma indireta.não se intrometendo...auto ajuda / vem me acalmar dizer para ficar quieta;não provocar a ira dele” (Marina, 25 anos, 1 filho, professora, vive com agressor há 10 anos).

Outra forma de repetição da violência foi o casamento como uma forma de fuga. Isso se tornou evidente ao se perguntar a duas entrevistadas sobre a história da violência em suas vidas. Elas relataram que se casaram na adolescência para sair de casa por conta do ambiente instável e agressivo, buscavam um tipo de relacionamento que Rodrigues, Assmar e Jablonski (2003) chamam de *modelo de amor passiona*l. Isso porque havia um alto grau de idealização e desejo de se satisfazer por meio da relação. Além disso, o casamento constituído foi uma repetição do padrão da família de origem. Esse dado corrobora as afirmações de McGoldrick (1995) de que há falha no ajustamento conjugal em casos de união como tentativa de fuga da família de origem, além dos conflitos com os pais e o padrão familiar de origem ser instável.

“[Entrevistadora perguntou: e o q te fez ficar com ele?] acho que foi minha valvula de escape.../ pra fugir da minha familia.. / figir das ordens do meu pai... / ele era muito bravo...brigava com a gente..” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

Uma entrevistada afirmou ter engravidado com o objetivo de influenciar na decisão dos pais de aceitar o casamento, no entanto, a união foi insatisfatória, consoante com a afirmação de McGoldrick (1995) que gravidez antes do casamento pode ser disfuncional.

“tive minha 1 relação / e engravidei de propósito / para poder sair da casa dos meus pais / eu gostava dele / mas sabia que grávida / meus pais fariam com que eu / casasse com ele / e assim foi” (Sara, 29 anos 3 filhos, revendedora, vive com agressor há 7 anos).

A maioria das entrevistadas não relatou de forma explícita o desejo de fugir de casa por meio do casamento, no entanto, pode-se perceber através do relato da história de suas vidas esse desejo implícito. Por exemplo, uma das entrevistadas afirmou que o seu sonho sempre foi constituir uma família feliz, ao contrário da que teve na sua infância, projetando na relação aquilo que desejava alcançar na vida. Esse aspecto foi postulado por Rodrigues, Assmar e Jablonski (2003) como um tipo de amor em que estão presentes a aceitação e o amor incondicional, o que pode, portanto, dificultar vê-lo mais integralmente. Freud (1914) chama esse tipo de escolha amorosa de narcísica, já que deseja encontrar no parceiro aquilo que gostaria para si. Além disso, o padrão de comparação parece ressaltar a busca de algo diferente através do uso da família de origem como parâmetro decisório, projetando na relação demandas e expectativas para anular as carências. Como Araújo (2005) alegou, a formação do casal se dá a partir dessas identificações projetivas, parecendo que, de alguma forma, há um excesso que produz agravos. Cabe assinalar que Kernberg (1995) enfatizou que o desejo de reparar relações patológicas do passado por meio dos relacionamentos constituídos pode levar a compulsões de repetições agressivas.

“nao tinha vontade de viver por que eu pensava que casando ia ser feliz meu sonho sempre foi casar e ter um casal de filhos e meu marido me amar muito”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).